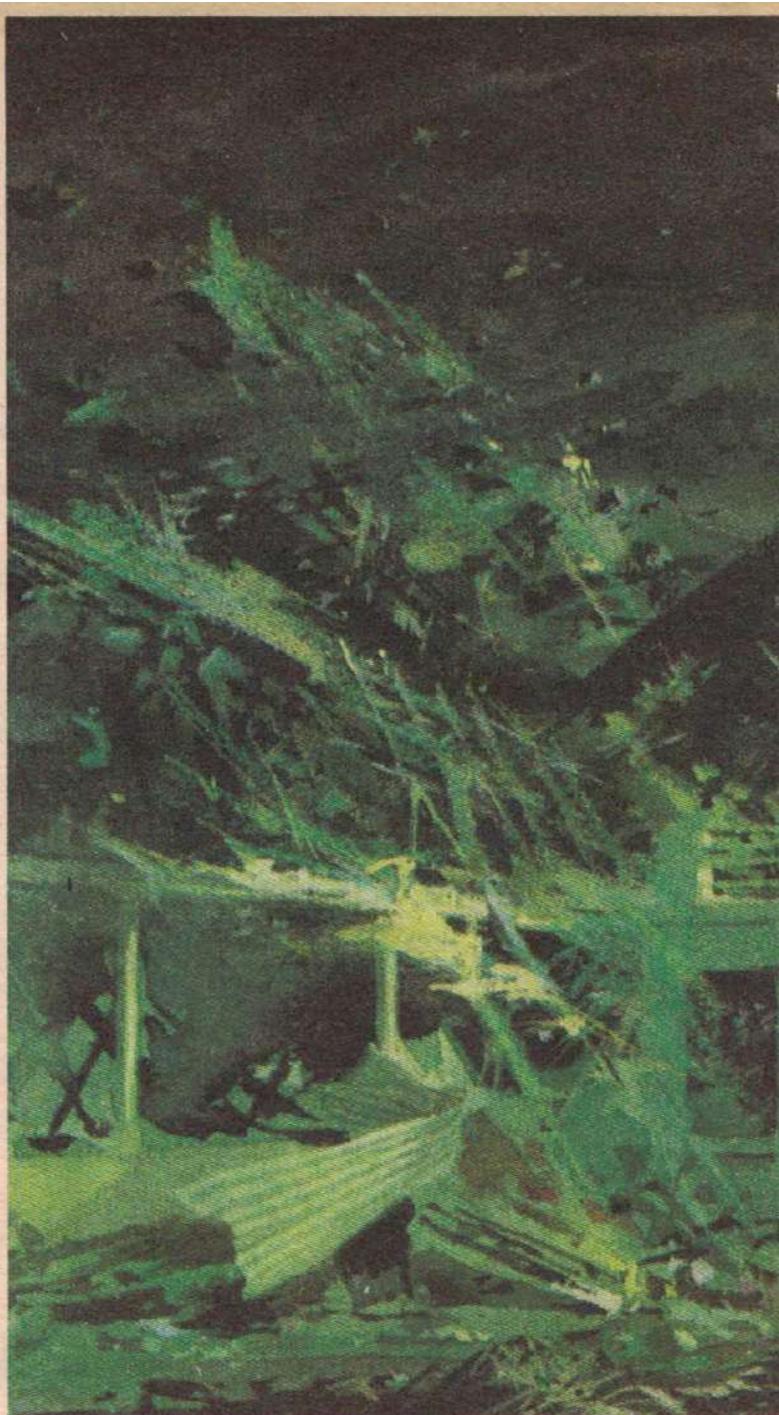


# Tragédia em Townsville

*Vítimas de um terrível ciclone, os habitantes de uma pequena cidade australiana compreenderam o verdadeiro significado do nascimento de Cristo*

DESMOND ZWAR E DENIS WALLIS

**P**ARA TOWNSVILLE e seus 71 mil habitantes, tudo indicava um feliz Natal em 1971. Era verdade que fazia calor abafado, naquela cidade australiana, ao norte de Queensland, mas o Natal estava no ar, em suas formas tradicionais. Podia-se senti-lo nos sorrisos dos fregueses, acotovelando-se nas lojas superlotadas, nos braços das pessoas que levavam para casa as suas árvores e no sorriso excitado das crianças.



Dois dias antes do Natal, quando os *disc-jockeys* da Rádio 4TO tocavam canções típicas, o teletipo da emissora captou uma mensagem urgente: CICLONE TROPICAL ALTHEA LOCALIZADO A ÉS-NORDESTE DE TOWNSVILLE, E MOVENDO-SE PARA OÉS-SUDOESTE A 22·QUILÔMETROS POR HORA.

Joe Oost, o gerente da emissora, leu a mensagem, e ordenou à sua equipe que irradiasse o alarme. Antigo radioperador da marinha mer-



cante holandesa, Oost servira nos trópicos, e estava habituado a ciclones. Naquele momento, ele reconheceu os sinais: o ar estava pesado, e o vento soprava com crescente violência. Tinha certeza de que *Althea* iria atacar – e com ímpeto.

Em sua casa, na 6.<sup>a</sup> Avenida, ao sul de Townsville, a Sra. Dorothy Norton, viúva com três filhos, estava muito ocupada e excitada para prestar atenção a boletins meteorológicos.

Pela primeira vez, em 17 anos, a família se reunia para o Natal. Seu pai, Les Noy, de 71 anos, tinha viajado quase 1.300 quilômetros, de Brisbane a Townsville, com Ray, o irmão de Dorothy, sua mulher e três filhos. Também sua irmã, Irene, com o marido e duas crianças, viera de Mount Isa, a 800 quilômetros.

Mais tarde, naquela noite de quinta-feira, depois que as oito crianças, de 4 a 15 anos, tinham ido para a

cama, a família conversava, enquanto Del decorava a árvore de Natal («a melhor que já fiz até hoje»), e Dorothy e Irene preparavam a festa.

Lá fora, *Althea* crescia em intensidade. Uma chuva torrencial, que iria castigar a cidade durante 20 dias, começara a cair. De manhã cedo, o vento já estava furioso. Roy Holdway, o chefe da polícia, arrastou os seus 1,90 m e 102 quilos para fora do carro, em Oonoonba, perto de Townsville, aonde tinha ido, para consertar o transmissor da polícia. Foi apanhado por uma rajada. «De repente», diz ele, «eu estava lutando para ficar de pé. O vento me fazia andar cada vez mais depressa. Finalmente, joguei-me ao chão. Era a única maneira de ficar parado.» Aos trancos e barrancos, ele consertou o equipamento. De volta para Townsville, viu que sua casa, felizmente desocupada, estava com as janelas escancaradas. Franziu a testa, e continuou.

Galhos partidos e toldos caídos bloqueavam as ruas, e os boletins informativos e meteorológicos da emissora, que foram transmitidos a noite inteira, começaram a sair do ar. Dois técnicos, Graham Richardson e Colin O'Brien, foram examinar os fios do transmissor, oito quilômetros ao sul da cidade. Encontraram a estrada praticamente inundada, e lutaram contra a água, até descobrirem o ramal defeituoso.

Logo depois das sete horas, Lyle Hillway, o chefe de publicidade, chegou aos estúdios. O telefone tocou. Era a mulher de Oost. Sozinha com as crianças, ela ficara preocupada

com as rachaduras e tremores em sua casa de madeira. Finalmente, lutando contra o vento e segurando as crianças, fora para a casa de um vizinho, onde o telefone ainda funcionava. «Lyle», disse, quase sem fôlego, «peça a Joe para vir depressa. Acho que vamos perder a casa.»

Oost seguiu imediatamente para Stanton Hill, a poucos minutos do centro da cidade. Às vezes, tinha de usar toda a sua força para manter o carro na estrada. O vento soprava a 80 nós, uma brisa moderada, comparada com a violência que se seguiria. E, com o vento, começara a cair uma chuva forte.

Na véspera, Oost tinha prendido o telhado com cabos de aço. Na hora, pareceu-lhe uma precaução exagerada. Agora, ele temia que nem aquilo agüentasse. Correu para dentro, e viu uma janela, de quase seis centímetros de espessura, sendo forçada pelo vento. Reforçou-a com alguns sarrafos, arriscando-se a ver o vidro estilhaçar-se em seu rosto. Então, como todas as famílias de Townsville, os Oosts se reuniram para rezar.

Dorothy Norton e sua família dormiam, quando a casa começou a tremer, açoitada por *Althea*. A velocidade do vento era superior à de um expresso, quando Dorothy e seu irmão conduziram os outros para a sala. No jardim, Alan Hawkins lutava para jogar uma corda por cima do carro. Vovô Les Noy e seu filho Ray arrastaram mais uma mesa para a sala, as mulheres providenciaram colchões e algumas roupas de cama, e oito crianças e seis adultos lá se abrigaram.

A princípio, parecia uma aventura divertida. Irene disse rindo, enquanto todos se estreitavam uns contra os outros: «Bem, ninguém pode dizer que não somos uma família unida!» Então, pouco antes das nove da manhã, as janelas se escancararam com um estrondo. Uma rajada mais forte arrancou metade do telhado, e uma torrente de chuva desabou sobre a decoração de Natal. As paredes da sala tremeram, e então desabaram. «Para o quarto dos fundos!», gritou Dorothy. «Contem as crianças!»

Barry Hanran, um vizinho, presenciou o drama da família, e saiu de sua casa para ajudar. Uma a uma, as crianças lhe foram passadas pela janela do quarto. Ele as fez correr para sua casa, em busca de abrigo. Os adultos o seguiram e, então, em seu novo refúgio, esperaram, enquanto *Althea* castigava o telhado.

A oito quilômetros de Townsville, em Magnetic Island, a véspera de Natal amanheceu em fúria. Em seu apartamento anexo ao hospital da ilha, a enfermeira Cecily Steptoe acordou com a água da chuva já invadindo o quarto. Na noite anterior, estivera no clube local, decorando a sede para o Natal. Alguns amigos se referiram ao ciclone, e ela se lembrava de ter dito: «Não irá nos atingir, mas temo por Townsville.»

Cecily era a única pessoa com prática de medicina, na ilha. Um olhar para as ondas, que se quebravam, como canhonadas, contra as praias de Nelly Bay, lhe disse que aquele seria um teste para os limites de sua capacidade e resistência.

Transportou a mobília e as fichas do hospital para um quarto maior, que parecia oferecer mais proteção. Uma mesa de pingue-pongue, comprada como presente de Natal, foi arrastada do jardim para dentro. Os três filhos de Cecily (Mark, de 15 anos, Tina, de 13, e Bruce, de 9) se esconderam debaixo de uma cama de ferro. O outro, Paul, de 17 anos, trabalhava em Townsville. Cecily murmurou algumas palavras de conforto, disse para as crianças não se mexerem, e abriu o hospital. Pouco depois das oito, uma mulher com suspeita de apendicite chegou da vizinha Horseshoe Bay. Cecily deu-lhe um sedativo, e a pôs na cama.

Lá fora, o ciclone crescia em intensidade, levantando pó e arrancando árvores do chão. Cocos voavam como balas de canhão, e folhas de zinco dos tetos cortavam o ar como lâminas. Um bote foi jogado à praia, com âncora e tudo, chocando-se contra uma casa e destruindo parte de seu telhado. Outro voou mais de 800 metros, antes de bater numa árvore.

Espremidos debaixo da cama, os filhos de Cecily viam o seu mundo ser destruído. Quando Mark foi à janela, e viu dois vizinhos, George e Jean Lane, saindo de sua casa sem teto, e correndo para o hospital, o telhado do apartamento foi arrancado com um estrondo. As paredes e o chão começaram a tremer. «Corram!», gritou para seus irmãos. Saindo do esconderijo, as crianças chegaram ao hospital, antes que as paredes do apartamento desabassem, esmagando a cama onde estavam

até havia pouco. A mãe mandou-os às pressas para o banheiro do hospital, no mesmo instante em que outra rajada atingia também o telhado.

Na orla de Nelly Bay, um industrial aposentado, Rob Miller, estava despreocupado, por ter construído sua casa à prova de ciclones. O telhado era reforçado, as vigas de 12 metros davam à casa uma estrutura de aço, e o madeirame era todo aparafusado.

Mas Miller passou a ficar assustado quando as janelas de vidro começaram a tremer. Seus temores aumentaram à medida que o ciclone foi se aproximando. De repente, os vidros se estilhaçaram. Miller foi lançado pelo quarto; a seguir, foi uma máquina de costura. Uma lâmina de vidro penetrou profundamente em sua perna, e o sangue jorrou. O telhado se desmantelou. As vigas de aço cediam como palitos de fósforos. Peça por peça, a casa se desmanchou.

Miller se arrastou até o jardim, e atirou-se para dentro de um buraco, buscando abrigo. Já tinha perdido muito sangue, e estava ficando cada vez mais fraco. Seus vizinhos, Alan Cunningham e Austin Dann, chegaram, e o carregaram para um balneário perto da praia. Daí, Cunningham correu para ir chamar Cecily Steptoe.

Àquela altura, o ciclone *Althea* tinha atingido o auge, soprando à velocidade de 214 quilômetros por hora. Cecily lutou contra árvores caídas e fios de eletricidade, para chegar até Miller. Habilmente, deu ceca de 20 pontos em sua ferida.

Outro vizinho, o major John Lloyd, levou Miller para o hospital, em seu carro.

As vítimas do ciclone superlotavam a sala-de-espera. Mais de sete centímetros de água cobriam o chão, e a chuva penetrava incessantemente pelo buraco do telhado. Rob Miller foi colocado na cama. Então, abrigando-se sob as telhas remanescentes, Cecily voltou para tratar dos outros. Quando ela cuidou das feridas do último dos seus 40 pacientes, uma refeição chegou, enviada pelo Picnic Bay Hotel. «Pensei que fosse o almoço», diz ela. «Então, olhei para o relógio, e vi que já passava das quatro horas.»\*

Na véspera de Natal, à noite, o ciclone *Althea* tinha se dirigido para o interior. As pessoas começaram a sair de suas casas arrasadas, para admirar, incrédulas, as ruínas. Townsville parecia uma cidade em escombros, uma barafunda de prédios sem telhado, janelas quebradas, paredes rachadas e ferro torcido. Fios de eletricidade se misturavam, como «espaguete» preto, pelas ruas. Carros virados de rodas para o ar jaziam abandonados. Decorações de Natal, ensopadas e em frangalhos, balouçavam pateticamente nas vitrinas arruinadas. Ao redor da cidade, os rios e córregos, extravasando seus leitões, invadiam as estradas. O aeroporto estava fechado. Quando os vagalhões de três metros atingiram a baía, os barcos se soltaram de suas

---

\* Pela coragem demonstrada durante o ciclone, Cecily Steptoe ganhou a Medalha do Império Britânico.

amarras, assim como a draga *Townsville*, que, com o vento, se arremessou sobre vários iates, destruiu a ponte, e demoliu parte das cabinas de controle do porto.

Com Townsville sem energia, a Rádio 4TO ligou seus geradores de emergência no complexo transmissor. Os locutores Bob Birmingham e Graham Rennie se dirigiram para lá, chapinhando pelo caminho. Com a ajuda dos técnicos Richardson e O'Brien, conseguiram manter a 4TO no ar. Seus relatórios sobre o ciclone, baseados em observações pessoais, acabaram sendo mais acurados do que os relatórios oficiais. O conselho da emissora («Vão para suas casas e fiquem lá»), repetido durante toda a tempestade, ajudou a salvar vidas.

Na manhã de Natal, Townsville enxugou suas lágrimas, e preparou-se para reorganizar sua vida. O prejuízo (600 casas foram destruídas, e outras três mil seriamente atingidas) foi estimado em mais de 30 milhões de dólares. Três pessoas morreram, centenas ficaram feridas.

Cada sobrevivente tinha uma história. Quando sua casa desabou sobre eles, os Oosts foram de um quarto a outro. Diz Joe Oost: «Só queríamos sobreviver. Quando a tempestade atingiu o máximo, pensei que fôssemos morrer. Rezamos e, milagrosamente, o ciclone se dissipou.»

Num orfanato, em Rowes Bay, uma das áreas mais atingidas, a diretora e sua equipe abrigaram 44

crianças na sala-de-jantar. «Se alguma delas quisesse ir lá dentro», recorda, «tinham de ir em grupos de três, amarradas com uma corda, para que não saíssem voando.»

Bem cedo, no dia de Natal, já havia sinais de alívio. O exército ocupou a ilha. Grupos se organizaram para cozinhar. Lojas e bancos abriram normalmente. O dono de uma loja de tecidos, a qual tivera a fachada destruída, convidou os desabrigados a entrar, e se servirem à vontade. A companhia telefônica recebeu a primeira dos milhares de chamadas, muitas oferecendo ajuda, das mais distantes partes do mundo.

A Rádio 4TO emitiu uma série de apelos. O vereador Charles Arnold, prefeito substituto, pediu contribuições pela rádio. «Eu esperava cinco mil dólares», diz ele. «Em três horas, tínhamos 10 mil; em poucas semanas, 275 mil.» Uma solicitação de roupas provocou uma montanha de agasalhos nos estúdios da 4TO, em apenas uma hora. Vinte minutos depois do apelo irradiado pela emissora, para que alguns homens fortes ajudassem a remover uns escombros, um exército de voluntários estava à sua porta.

Disse John Skewes, que teve sua casa destroçada: «Por vezes, quase chorei — não de tristeza, mas de alegria. Em Townsville, todos vimos o espírito de Natal redivivo. Entre as ruínas de nossa cidade, nós trocamos o mais inestimável dos presentes de Natal — o amor.»



REFERINDO-SE à casa-de-campo: «O lugar é maravilhoso. Tem de ser... esses mosquitos todos não podem estar enganados!»

- G. S.